

Um *bluff* da Rússia?

No conflito da Rússia com a Ucrânia há factos que são dados objectivos e por isso um necessário ponto de partida para qualquer análise. Mas há também muita informação (ou desinformação) onde os dados que emergem são impossíveis de confirmar.

José Pedro Teixeira Fernandes | Público | 18 de fevereiro de 2022

1. Em inícios de 2022 uma questão marca reiteradamente a política internacional: irá a Rússia invadir militarmente a Ucrânia? Mesmo os mais desatentos aos acontecimentos no mundo colocaram essa questão a si próprios dada a profusão de informações sugerindo uma elevada probabilidade de invasão militar. Múltiplas imagens de manobras russas efectuadas na Rússia e na vizinha Bielorrússia e de grandes quantidades de tropas e material militar estacionadas próximas da fronteira da Ucrânia emergiram nos *media*. Inevitavelmente, instalaram-se na opinião pública sentimentos de receio e medo do eclodir de uma guerra no Leste da Europa, podendo originar um grande conflito regional ou mundial de trágicas consequências. Mas estamos mesmo a viver uma situação onde o risco de guerra é tão elevado quanto a profusão de informações e imagens sugerem? Essa é uma questão crítica sobre a qual vale a pena aqui reflectir.

2. No conflito da Rússia com a Ucrânia há factos que são dados objectivos e por isso um necessário ponto de partida para qualquer análise. Mas há também muita informação (ou desinformação) onde os dados que emergem são impossíveis de confirmar. O que assistimos é a uma “guerra de narrativas”, com múltiplas e contraditórias interpretações que visam conquistar a opinião pública. Entre os dados objectivos está a substancial mobilização de forças militares russas para próximo das fronteiras da Ucrânia. Pelas estimativas ocidentais, com origem nas informações da NATO /EUA, serão nesta altura cerca de 190.000. (Não existem números da Rússia a confirmar ou desmentir; a NATO/EUA negam a desmobilização parcial de forças russas nos últimos dias). Há ainda manobras em curso da marinha da Rússia no Mar Negro ao largo da Crimeia. Exceptuada a questão do número de militares envolvidos e da desmobilização parcial, estes factos não são objecto de contestação pela Rússia — alguns tiveram até ampla divulgação pública por esta, como no caso das grandes manobras militares terrestres na Bielorrússia e dos exercícios navais no Mar Negro. O que a Rússia contesta é ter intenção de efectuar uma invasão militar da Ucrânia.

3. Há um outro dado factual a reter, que é a apresentação feita pela Rússia, a 17 de Dezembro de 2021, de um projecto de novo tratado de segurança entre esta e a NATO/EUA. As cláusulas 4 a 7 desse documento contêm os objectivos oficiais do Governo russo para terminar a actual crise. Aí pode ler-se que “A Federação Russa e todas as partes que eram membros da NATO a 27/05/1997 não deverão colocar forças militares e armamento no território de nenhum dos outros Estados da Europa” (artigo 4.º); “As Partes não deverão colocar mísseis terrestres intermediários e de curto alcance

em áreas que lhes permitam alcançar o território das outras Partes” (artigo 5.º); “Todos os Estados-membros da NATO comprometem-se a abster-se de qualquer outro alargamento, incluindo a adesão da Ucrânia, bem como de outros Estados” (artigo 6.º); As Partes que são Estados-membros da NATO não realizarão nenhuma actividade militar no território da Ucrânia, bem como noutros Estados da Europa Oriental, no Sul do Cáucaso e na Ásia Central” (artigo 7.º).

4. Para dar sentido explicativo à factualidade anteriormente descrita são aqui considerados dois cenários. Estes envolvem duas interpretações divergentes dos factos e do que está efectivamente em curso. Um interpreta a cadeia de acontecimentos baseada na convicção de que há uma intenção real da Rússia invadir militarmente a Ucrânia, se não obtiver amplas concessões políticas. Vê o projecto de tratado já referido como uma espécie de ultimato à Ucrânia e à NATO, onde são feitas exigências inaceitáveis destinadas a funcionar como pretexto para criar um *casus belli*. Um outro cenário — e a interpretação dos factos que lhe está subjacente —, considera que o recurso da Rússia aos seus exércitos para atingir esses objectivos políticos não envolve uma intenção real de invasão da Ucrânia. Vê essas manobras como um *bluff* russo, ou seja, um jogo deliberado de enganos para credibilizar a sua ameaça e obter concessões, não na lógica maximalista enunciada no referido projecto de tratado, mas de forma mais limitada. Estas poderão ser obtidas na área política e/ou económica, por exemplo, activando o gasoduto Nord Stream 2 que liga o gás da Rússia directamente à Alemanha. Vamos agora olhar com mais detalhe para cada um destes cenários.

5. O primeiro cenário pressupõe, como anteriormente notado, que a Rússia tem mesmo intenção/planos de invadir militarmente a Ucrânia se não obtiver as concessões que pretende. Nesta óptica, o risco de guerra é necessariamente elevado. Como é observável, predomina na NATO/EUA e nos *media* ocidentais, ainda que em diversas versões não totalmente convergentes. Com base nessa leitura dos acontecimentos, a resposta do Ocidente — em especial da NATO/EUA — tem sido fundamentalmente esta: (i) divulgação pública de informações de imagens sobre a concentração de forças militares russas próximo da Ucrânia obtidas pelos serviços secretos; (ii) alerta contínuo do perigo de ameaça de invasão russa da Ucrânia, que se acentuou nos últimos dias; (iii) reforço das defesas dos Estados da NATO próximos da Ucrânia e Rússia (Bálticos, Polónia, etc.); (iv) retirada de pessoal diplomático e retirada de cidadãos estrangeiros da Ucrânia; (v) ameaça de pesadíssimas sanções económicas à Rússia em caso de invasão; (vi) iniciativas diplomáticas para eventualmente negociar com a Rússia para evitar a guerra, em particular dos europeus — França e Alemanha.

6. O segundo cenário não pressupõe, como já explicado, que exista intenção real da Rússia invadir e ocupar militarmente a Ucrânia (*faz bluff*). A Rússia lançou uma cortina de fumo sobre as suas reais intenções, entregando-se a um jogo de enganos, onde deixa ficar bem visível o uso da força em grande escala, mas também a porta entreaberta à diplomacia. Ao contrário da Geórgia em 2008 e da Crimeia em 2014, o efeito surpresa aqui é não haver guerra, pelo menos uma guerra convencional usando a generalidade dos meios militares mobilizados nas fronteiras da Ucrânia. Para esta estratégia ser

credível e ter os resultados desejados necessita do seguinte: (i) incutir a ideia de que há uma intenção real de invadir a Ucrânia — ou seja, de que a ameaça é real e muito séria; (ii) criar um clima de medo permanente na população da Ucrânia (e Ocidente); agitar os mercados, em particular da energia, para provocar subida de preços. Nesta leitura dos acontecimentos o risco de guerra é baixo face ao cenário anterior, excepto por acidente ou erro de cálculo. Não é, todavia, descartada a possibilidade de incursão militar limitada nas áreas fronteiriças do leste da Ucrânia, por exemplo para proteger a região separatista de Donbass.

7. A ser este último cenário o mais próximo da realidade, é desacertada a estratégia ocidental de divulgar uma catadupa de avisos de invasão. O Presidente dos EUA, Joe Biden, parece querer apagar a má imagem de ter ignorado, ou subestimado, os avisos dos serviços secretos no Afeganistão, que levaram a uma retirada atabalhoada e humilhante em Agosto de 2021. A NATO/EUA usam agora informação “secreta” publicamente, para descredibilizar os pretextos russos de invasão, aparentemente vendo semelhanças com a crise dos mísseis de Cuba em 1962. Aí divulgadas fotos para demonstrar como os soviéticos, às escondidas, estavam a instalar mísseis na ilha. Mas o problema é que a Rússia, hoje, ganha com a exposição da sua força militar. Essa exposição pública constante credibiliza a sua ameaça pelo medo que incute, afectando duramente a economia ucraniana o que levou já a protestos do Presidente Volodimir Zelenskii dirigidos aos EUA. Afasta os investidores e parceiros comerciais da Ucrânia e torna os custos de financiamento da sua dívida exorbitantes. Para além disso, se nada acontecer em termos de invasão militar, a estratégia alarmista de antecipação descredibilizará a NATO/EUA aos olhos da opinião pública.

8. Sem usar até agora o instrumento militar para invadir a Ucrânia, a Rússia está a ser bem-sucedida. Obteve ganhos de respeito internacional (à custa do medo que incute), projectando a ideia de estar num patamar de poder similar aos EUA e à China. Obteve vantagens diplomáticas (colocou na agenda política a discussão sobre as armas nucleares na Europa próximo das suas fronteiras, o estatuto de segurança da Ucrânia e a implementação no terreno dos acordos de Minsk de 2015 sobre o conflito em Donbass). Reafirmou a sua influência no espaço envolvente (os exércitos russos estão agora na Bielorrússia, eliminando a contestação ao seu aliado, o Presidente Alexander Lukashenko). A todos estes ganhos juntam-se os dividendos financeiros devido à subida do preço do petróleo e do gás natural, como mostram os elevadíssimos lucros da Rosneft e da Gazprom. É plausível que a Rússia esteja a fazer *bluff* (e continue a ser essa a estratégia), mas claro que não existe garantia absoluta. Para além de o Ocidente necessitar de planos para lidar com a possibilidade de guerra (seria irresponsável não o ser), é altura de lançar uma abrangente iniciativa diplomática sobre a segurança na Europa. É assim que poderá apanhar de surpresa a Rússia e marcar a agenda política, não divulgando torrentes de informação que afundam a Ucrânia.

<https://www.publico.pt/2022/02/18/mundo/analise/bluff-russia-1996012>